

## NARRATIVAS SOBRE TRAVESTILIDADE, ENVELHECIMENTO E SOLIDÃO

Ciro Linhares de Azevêdo <sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como tema as narrativas de sexualidades no entrelaçamento de saberes e experiências da travesti Valquíria Montini, a mais antiga travesti em atividade da cidade de Campina Grande - PB. Escolhi trabalhar com entrevistas e a partir destas analisar as narrativas que variam dos anos de 1940 até o tempo presente destacando a relação de elementos biográficos da entrevistada com a construção de narrativas sobre experiências de travestilidade e envelhecimento. Também foram analisadas nas narrativas produzidas por Valquíria sua relação com a solidão, as transformações do corpo, redes de amizade e o rol de lembranças elaboradas. A trama caracteriza-se a construção de uma pista de afetos transitada por lembranças e sensibilidade. Para tecer olhares acerca destas narrativas, usamos os diálogos teóricos fornecidos principalmente por Judith Butler, Michel de Foucault, Jorge Larrosa e Larissa Pelúcio.

**Palavras-chave:** Travestilidade; Envelhecimento; Solidão.

### ABRE ALAS!

Valquíria Montini é a mais antiga travesti em atividade na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba. Possui mais de sessenta anos. Sua presença noturna na “rua João Pessoa”, que fica no centro comercial da cidade e é ponto noturno de prostituição, é marcante pelo corpo com curvas chamativas e disparidade etária em relação as outras travestis. Nasceu na pequena cidade de Cabaceiras<sup>2</sup>, por volta da década de 1950. Durante a década de 1960 foi morar em Campina Grande e, nos primeiros anos da década de 1970, foi tentar construir a vida sozinha na cidade de São Paulo. Nesta conseguiu emprego num restaurante italiano e viveu numa pensão onde conheceu algumas travestis e começou a compartilhar experiências e o cotidiano como deixar o cabelo crescer, tomar hormônios, frequentar as ruas de prostituição, dividir contas, frequentar boates, cinemas, praças, bares e bailes de carnaval. Dois anos depois de ter chegado á São Paulo, teve a experiência de “tornar-se europeia”. Viveu nas cidades de Paris e

<sup>1</sup> Graduação e Mestrado em História pela Universidade Federal de Campina Grande, UFCG. [ciro.azevedo@afogados.ifpe.edu.br](mailto:ciro.azevedo@afogados.ifpe.edu.br) ou [ciroufcg@hotmail.com](mailto:ciroufcg@hotmail.com);

<sup>2</sup>Município localizado no Estado da Paraíba, no Brasil, atualmente com cerca de 5.039 habitantes, sobre seu histórico, localização geográfica e informações mais precisas pesquisar em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250310&search=paraibalcabaceiras|infografico-s:informacoes-completas> . Acesso em 20/02/1015.

Roma. Voltou a morar no Brasil em 1994, retornando definitivamente para Campina Grande, onde vive atualmente em apartamento localizado no “Edifício Lucas” no centro da cidade.

## O TRAJETO

Utilizei da história oral para compreender as várias temporalidades que atravessaram as narrativas produzidas por Valquíria. Realizarei um exercício teórico para compreender a relação entre nossa entrevistada e suas experiências de si<sup>3</sup>, ou seja, na perspectiva teórica de Foucault, “[...] as condições práticas e históricas de possibilidade da produção do sujeito através das formas de subjetivação que constituem sua própria interioridade na forma de sua experiência de si mesmo (LARROSA, 1994, p.53)”.

Investigarei os saberes e relações de poder relacionadas as experiências de si de Montini sobre sua condição de envelhecimento e modificações da sua relação com a travestilidade. A oralidade na produção histórica pode trazer a tona infinitas possibilidades da experiência individual e coletiva, já que há uma eminente subjetividade por quando sua análise recupera as visões e versões buscadas no interior de experiências individuais. Na autonarração:

“O sujeito se constitui para si mesmo em seu próprio transcorrer temporal. Mas o tempo da vida, o tempo que articula a subjetividade não é apenas um tempo linear e abstrato, uma sucessão na qual as coisas se sucedem umas depois das outras. O tempo da consciência de si é a articulação em uma dimensão temporal daquilo que o indivíduo é para si mesmo. E essa articulação temporal é de natureza essencialmente narrativa. O tempo se converte em tempo humano ao organizar-se narrativamente. (...) Por isso, o tempo no qual se constitui a subjetividade é tempo narrado. É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo” (LARROSA, 1994, p. 66).

A escrita deste artigo foi organizada por fragmentos selecionados nas entrevistas de Valquíria, que utilizarei para compreender as temporalidades dadas por ela as suas *trajetórias*. Dessa forma é possível compreender elementos da experiência da velhice e suas interseccionalidades com as vivências de travestilidade da protagonista desta trama. A elaboração da memória pela sua narração expõe como os dramas, alegrias, desejos, frustrações

---

<sup>3</sup> A definição por Foucault, as experiências de si consiste em “estudar a constituição do sujeito como objeto para si mesmo: a formação de procedimentos pelos quais o sujeito é induzido a observar-se a si mesmo, analisar-se, decifrar-se, reconhecer-se como um domínio de saber possível. Trata-se, em suma, da história da "subjetividade", se entendemos essa palavra como o modo no qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual está em relação consigo mesmo” (FOUCAULT, 1984, p. 297-298 *apud* LARROSA, 1994, p. 53).

e conquistas do presente atravessam a organização do passado em fatos que, para Valquíria, dariam sentido a sua identidade travesti no presente.

**“ENSAIEI MEU SAMBA O ANO INTEIRO(...)MAS CHEGOU O CARNAVAL E ELA NÃO DESFILOU!”<sup>4</sup>**

As memórias de Valquíria são marcadas por uma relação melancólica com o presente marcado pela solidão, as novas transformações do corpo acometido pelo tempo, pela ausência de redes de socialização e a dificuldade de circulação nos espaços públicos. A *solidão* é, nas lembranças de Valquíria, efeito da construção estética da sexualidade que, para ela, teve seu momento áureo no passado (décadas de 1960, 1970 e 1980), quando a juventude, as redes de amizade, os espaços e as viagens de outro instante da história de si possibilitou extravasar e subverter concepções normativas do corpo, porém o presente é marcado pelo isolamento e ausência de grupos de amizade. Percebe-se no exposto por ela a seguir:

[...] Aqui em Campina eu não saio ou então quando dá a loucura que não me dá vontade de ficar em casa que eu não consigo dormir aí vou dar uma voltinha, vou na rua, aí é sexta, sábado. Lá na rua com elas eu falo, mas não trago aqui, eu aqui e elas lá, não é que... Sei lá, não faz meu gênio.<sup>5</sup>

A narrativa do passado para Valquíria é uma forma de exorcizar a solidão no presente, a ausência de uma *communitas*<sup>6</sup>. As limitações para vivências e contatos com o outro marcam um presente de solidão e saudosismo, a casa virou lugar do tédio, a construção afetiva do apartamento no centro da cidade representa os efeitos do tempo. O corpo envelhecendo não possibilita na “rua” o glamour de outrora, a morte de antigas amigas e as mudanças geracionais nas vivências dos travestis rodeiam o cotidiano de Valquíria.

Sobre a presença da solidão no cotidiano atual de Valquíria, é possível usar das reflexões de Sennett e Foucault (1981, p. 01) para significar sua experiência histórica da relação entre solidão e sexualidade. Um dos recortes temporais demarcado por esses autores é a sociedade ocidental do período moderno. Sobre os significados da solidão na sociedade, esses autores citam três tipos: a solidão imposta pelo poder, do isolamento, como o exílio no mundo antigo,

<sup>4</sup> Trecho da música Retalhos de Cetim famosa na voz de Benito di Paula, cantor de samba brasileiro

<sup>5</sup> Entrevista realizada com Valquíria entre janeiro e julho de 2014.

<sup>6</sup> A ideia de *communitas*, por possibilitar a convivência entre indivíduos que compartilham o mesmo interesse erótico, dividem experiências similares, constroem códigos de comunicação, gírias que identifiquem a sexualidade naquele ambiente e comumente passam a representar uma identidade social de grupo. Essa noção características das vivências homoeróticas pode ser encontrada em GREEN (2000. p. 356)

o banimento para regiões inóspitas na França do século XVII. A segunda forma é a solidão do sonhador, da rebelião, do “*homme révolté*” que no mundo antigo são os filósofos que levantaram ideias contra a ordem existente; no mundo moderno são aqueles pensadores que levantam contra o poder a ausência da lei (Exemplos de Genet, Sartre, Artaud, entre outros). Enfim, a terceira é a solidão da diferença, a existência de uma vida interior, a sensação de diferença e produções de subjetividades na relação consigo, com o próprio corpo.

O terceiro tipo de solidão é um legado do saber vitoriano, que dotou a relação do corpo e mente de forte caráter psicológico. Nesse caso, a solidão permite a contemplação e o autoconhecimento como comportamento único e separado. Nesse contexto, a sexualidade ganha estreita relação com a solidão, dando a esta a presença do sentimento de medo enquanto para as sociedades modernas da Europa em meados dos séculos XVIII e XIX, torna possível a descoberta da verdade do caráter a partir do desejo corporal.

Para Sennett e Foucault (1981, p.03), os efeitos na vida moderna é que como o desejo sexual é instável, as verdades construídas sobre si tornam-se contraditórias acarretando a desagregação do *self*. Dessa forma, as “muitas incertezas que a sexualidade cria para a subjetividade exageram a importância da experiência, isto é, quanto mais a sexualidade torna-se problemática, maior a sua importância para nós na definição de nós mesmos” (SENNETT e FOUCAULT, 1981, p. 03). Sendo, nesse aspecto da vida moderna, geradas “tecnologias do *self*”<sup>7</sup> como o uso da sexualidade com intenção de decifrar o caráter humano.

A experiência da solidão ganhou novas possibilidades a partir da sociedade ocidental burguesa, que se caracterizou pela fragmentação dos espaços e da vida cotidiana urbana. As possibilidades de escapar da vida comunitária aumentaram as relações em família, religião, trabalho, entre outros, tornando mais fragilizadas no enfraquecimento dos laços orgânicos, apresentando como consequência as possibilidades de viver a solidão e a sociabilidade mais dependentes das escolhas, diferente do que ocorria até o século XVIII. Essa sensação de escolha pela solidão ou sociabilidade está relacionada como ver o indivíduo isolado. Esse ponto será a marca da valorização da solidão de Valquíria na atualidade, pela “inflação da sexualidade”.

---

<sup>7</sup> “(...) tornei-me cada vez mais consciente de que em todas as sociedades há um outro tipo de técnica: técnicas que permitem individualizar para efetuar, por seus, próprios significados, um certo número de operações sobre seus próprios corpos, suas próprias almas, seus próprios pensamentos, suas próprias condutas, e isso de tal forma a transformá-los, modificá-los; e para obter um certo estado de perfeição, de felicidade, pureza, poder sobrenatural. Vamos chamar essas técnicas de tecnologias do *self*. (...) Se se quer analisar a genealogia do sujeito na civilização ocidental, tem-se que levar em conta não apenas as técnicas de dominação, mas também as técnicas do *self*... (SENNETT e FOUCAULT, 1981, p. 03)

A solidão seria a produção da diferença da travesti envelhecida, dotada de choques geracionais na rua, com seus desejos, seu próprio corpo e com as lembranças do passado. O excesso de nostalgia é justificado por Valquíria, pela ruptura da maneira como a travestilidade era vista socialmente durante sua juventude. Durante as entrevistas, na maioria das vezes que terminava de reclamar da vida solitária seguia sua fala sobre alguma referência a “outra vida antigamente”. A fala abaixo, é apenas uma de tantas referências ao carnaval como símbolo da “era de ouro” das travestis na sua juventude, citado como justificativa para seu sentimento nostálgico:

Teve época que eu era sucesso, que travesti saía a rua e fazia sucesso, glamour, tinha desfile tinha tudo naquela época era travesti que fazia sucesso, não era mulher, as travestis que saía nua, sai com peito, montado e ia pro desfile nas escolas aí depois foi que as mulheres--começou que a primeira que saiu na escola de samba nua foi Luisa Brunet, Xuxa, aquela outra que hoje é milionária que hoje mora nos Estados Unidos e umas chacetes que trabalhavam no Chacrinha, Rita Cadillac, aí começaram a sair nua, eu saí uma vez só na rua..<sup>8</sup>

A referência, feita por Valquíria Montini, ao carnaval como exemplo de certo fetiche e prestígio social da figura da travesti, remete-se ao Brasil do século XX até a década de 1970. Segundo Green (2000, p.331-332), o carnaval no Rio de Janeiro tem como marca o caráter transgenerificado, ou seja, nos dias de carnaval é marcante na história dessa festividade a presença de homens travestidos, em momentos de transgressão ou humor *camp* das representações sociais de gênero.

Para o autor citado, nos anos 40, os bailes de travestis surgiram como espaços oportunos para *performances* transgressoras das estéticas dos gêneros. Durante a década de 1950, surgiram eventos exclusivos para cultura queers que se expandiram em quantidade e visibilidade por questões mercadológicas diante do espaço conquistado pelos bailes.

A diferença entre os bailes e os grupos de rua era que os primeiros eram espaços onde “a regra era o desregramento, onde se podiam transgredir normas de masculinidade e feminilidade sem preocupação com a hostilidade social ou punições” (GREEN, 2000, p.332). Durante a década de 1970, os bailes já faziam parte do cotidiano e paisagem natural da festa, com cobertura midiática e grande presença de estrangeiros. Além desses bailes autônomos, existiam os organizados pelo governo com extravagantes concursos de fantasias, realizados no Teatro Municipal, essas indumentárias foram inspiração para fantasias carnavalescas no Brasil.

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada com Valquíria entre janeiro e julho de 2014.

Essa leitura da história do carnaval brasileiro expõe como nos dias de festividade há a valorização da travestilidade como parte integrante da festa ou até atração mercadológica, explicando dessa forma, o trecho acima e vários outros nas entrevistas com Valquíria, em que ela se remete ao carnaval como representação do saudosismo das experiências vividas com a travestilidade no passado, citando vários espaços de bailes.

Apesar de na última citação falar com saudade e alegria dos carnavais no passado, estes serão utilizados para demarcar a diferença com o cotidiano atual. Fechada no pequeno apartamento, a cidade não apresenta mais as grandes possibilidades de reinvenção e experiências para quem expõe o seu “segredo” no corpo ambíguo.

É o mesmo corpo que grita o passado vivenciado em outros territórios além de Campina Grande e silencia novas experiências na ausência desses espaços para as vivências travestis na Campina atual. O conflito entre a condição do presente e as vivências do passado, é exposto quando ela fala abaixo sobre a relação com seus clientes:

(...) Travesti já fez sucesso, travesti já foi travesti, mas hoje em dia... Muitas que vão pra fora vem aqui só passear, não é que Campina seja pequena, que em Campina o povo gosta da sacanagem, gosta da fuleragem, mas é aquelas coisas que tem que ser escondida, tem que ser uma coisa bem reservada, se a gente arrumar uma namorado tu acha que eles saem com a gente?! Oxe! Ou tem que ter um carro, ou tem que ter um apartamento, ou tem que ficar entre quatro paredes e outra coisa, certo que eu também não gosto dessas coisas, mas você ver várias pessoas famosas que saem com a gente (...)<sup>9</sup>

A limitação da cidade para ela está no escape da solidão, a “rua” que há décadas possibilitou a juventude da subversão e quebrar a exclusão social da travesti em turmas que compartilhavam experiências em boates, pensões, apartamentos, tornou-se a única possibilidade quebrar o isolamento no presente. O apartamento está vazio, os clientes não são mais tantos, a relação com as outras travestis na rua não são mais tão intensas no compartilhamento de dificuldades, alegrias e aventuras. O estigma de circular livre apenas em quatro paredes gera ainda mais saudosismo da vida em grandes centros urbanos na juventude.

Você vai sair aqui em Campina vai ver o que? Me diz? Não tem um cinema, uma boate, um bar (...) Vou naquela rua quando to agoniada nesse apartamento, aí passa os boys, param e quando diz que é pra pagar querem dar dez, quinze reais, diz que sou coroa, to passando fome não! Tem dia que ganho cem e tem dia que ganho nada...os que vão no apartamento se passar na rua eles não falam, pronto! Eu vejo muitos no supermercado, na rua com mulher, em banco, só que eu não falo, as vezes eles baixam a cabeça e depois diz “nota dez pra você que me viu com minha mulher e não falou comigo”, eu digo “e eu vou falar pra quê?”. Vou ganhar o quê falando com eles? Eu

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande //2014.

to prestando um serviço na minha casa. Hoje eu seria boy, diferente de travesti que todo mundo nota<sup>10</sup>.

A travesti escancara a ambiguidade e ausência de coerência entre as noções de sexo, gênero e sexualidade expondo seu caráter histórico e performático. A materialização da sua desconstrução, como em experiências que foram narradas por Valquíria na curiosidade dos transeuntes, o medo das pessoas “conhecidas” em ter que cumprimentar nos espaços públicos, os clientes quando acompanhados das esposas e filhos baixam a cabeça, mudam de calçada, entram em lojas, fecham os vidros do carro para não ter a vida dúbia revelada<sup>11</sup>. A travesti, para Valquíria, tem seu cotidiano marcado pela coerção dos olhares sociais para manter-se no terreno do clandestino, da noite, das pensões e motéis. O envelhecimento potencializa a redução das possibilidades de vida no mercado do sexo e na formação de grupos de amizade

As entrevistas com Valquíria ocorreram no seu apartamento, todos cômodos tem as paredes repletas de fotografias, a maioria da juventude, como maneira de dar vida a algumas ausências. Em todas as entrevistas, durante a pesquisa, a fotografia se fez presente como culto ao saudosismo, como instrumento que despertou a sensibilidade de Valquíria a elaborar uma *escrita de si* através da oralidade, através da verbalização das lembranças, ou seja, cada fala era construída com movimentos simultâneos das mãos em cima de álbuns com fotografias ou em várias coladas nas paredes. As imagens pareciam estimular a atribuição de sentidos ao passado por Valquíria para justificar o sentido atual que ela dar a si.

No caso das sexualidades subalternizadas, como a experiência social vivida pela travesti, tornam-se ainda mais necessárias às interações em redes para a construção subjetiva do sujeito. As turmas de amigos e espaços apropriados por esses grupos funcionam como uma “família alternativa” para o enfrentamento da hostilidade social ou a curiosidade dos olhares “condenadores”. “Portanto, a turma agia tanto como rede de apoio como um meio de socializar indivíduos na cultura, com todos os seus códigos, gírias, espaços, públicos e concepções sobre a homossexualidade (GREEN, 2000, p. 291)”. A turma que foi encontrada por Valquíria quando foi embora de Campina Grande no começo dos anos de 1970, hoje transformaram-se em fotografias. Essa relação com as imagens são comentadas por Valquíria Montini abaixo:

[...] Era muito diferente de Campina hoje, a gente curtia muito, vivia tudo junta, tinha muita boate gay – essa foto aqui foi um show que eu fui em Paris eu guardo isso aqui até hoje – lá tinha muita droga, mas eu nunca quis nada com isso não, teve amigas minhas que foi presa e ta presa lá até hoje, pronto essas duas aqui morreram lá por causa de droga mesmo, fizeram plástica, fizeram num sei o quê, isso aqui foi quando eu vim embora pro Brasil, dessas a maioria morreu ou casou ou se perdeu no

<sup>10</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande //2014.

<sup>11</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande //2014.

mundo(...) Isso aqui foi em Madrid eu passei e mandei o cartão de passagem, OH aqui a minha turma, a gente curtiu demais lá fora, a que me levou e outra aqui é a finada Tânia, essas duas é de Recife e esse de bigode é namorada dessa outra, a Tânia morreu de AIDS uns diz.<sup>12</sup>

Valquíria viveu cerca de duas décadas na Europa, durante a “onda” de exportação de travestis brasileiras na década de 1970, retornou a Campina Grande em 1994. A *turma* que ela cita acima foi formada ainda em São Paulo, onde ela viveu dois anos antes de ir pra Europa, é a partir do grupo de amigos que ela entrou numa rede de socialização que a levou para terras estrangeiras por “Tânia” outra travesti integrante do grupo. No entanto, a presença está materializada nas fotografias. O tempo, o envelhecimento, o choque geracional, as mudanças nas identidades travestis e o espírito saudosista levaram Valquíria ao convívio com a solidão e saudades. Dessa forma, as fotografias assumiram o lugar do outro.

As fotografias permitem a Valquíria lutar contra questionamentos feitos sobre ela mesma, as transformações e ao próprio corpo no decorrer da vida. Diante do envelhecimento e isolamento, sobre as transformações em seu corpo ela afirma que “hoje não tinha feito tantas cirurgias, tenho que ser travesti toda hora e não tem como voltar”<sup>13</sup>, as antigas cirurgias em seu corpo não são mais tão possíveis pelas limitações físicas e financeiras do presente (apesar de confortável, não o suficiente para novas cirurgias com regularidade).

O corpo alcançado na juventude passou a ocupar agora outra dimensão, são barreiras à reinvenção e a circulação em espaços públicos, percebida pela dificuldade de contato com novas gerações de travestis quando na citação mais a frente ela chama essas de “bicho de peruca”. A mutação produz a dificuldade de conviver com as rupturas dos tempos históricos nas possibilidades do *estar* travesti, sendo não mais um estado transformável quando algumas transformações cirúrgicas são irrevogáveis.

As transformações cirúrgicas do corpo (seios, nariz, glúteo, pernas, boca, o rosto) expuseram no passado o caráter performático e cultural das noções de gênero, no entanto agora a manipulação do corpo encara a barreira no envelhecimento com as peculiaridades da experiência de travestilidade. Houve uma renovação da identidade travesti no presente segundo as representações de Valquíria, abaixo ela chamará de “um bicho que bota uma peruca na cabeça”, o que gera no seu cotidiano um choque com a identidade construída por ela na década de 1970 e conservada no seu corpo e nas fotografias. Essa renovação pode ser vista na fala de Valquíria abaixo:

---

<sup>12</sup> Entrevista realizada com Valquíria entre janeiro e julho de 2014.

<sup>13</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande //2014.

[...] Completamente diferente, hoje em dia não existe travesti, não quer fazer mais peito, não quer mais plástica, é um bicho que bota uma peruca na cabeça—não quer saber mais não, sei não é como se [...] se fosse hoje pra eu virar travesti eu não queria virar travesti, você sai com outro você vai pra um hotel, você vai no restaurante, você vai na casa da família, qualquer coisa são dois amigos, dormem no mesmo quarto, “ah! Meu amigo vem dormir aqui hoje mãe”, “Mainha esse aqui é meu amigo”, “Eu vou dormir aqui no quarto, vou estudar, assistir uma internet” isso e aquilo outro e ali acaba rolando, um é caso do outro e termina ninguém notando. Eu vejo muito bem como é hoje em dia<sup>14</sup>.

Continua sua narrativa falando da vontade de mudar seu corpo quando achasse necessário para viver amores furtivos, circular pelos espaços públicos e construir novas redes de amizade. A “nova” travesti, criticada por ela, desperta o choque geracional e, paradoxalmente, o desejo por construir outro modo de ser. Para Valquíria, são corpos “marcados” de forma mais “superficial”, sem procedimentos cirúrgicos (quase) irrevogáveis o que permite a eles construírem-se e desconstruírem-se dependendo do espaço, relação e grau de iluminação e clandestinidade, mais camaleão e mais reinventável, montar-se, estaria na vestimenta, maquiagens, sapatos, perfumes, as transformações passageiras que aumentam o leque de possibilidades de interações e vivências cotidianas em Campina Grande, em identidades fluidas contemporâneas<sup>15</sup>, rápidas, pois quando necessário basta desmontar-se como um “truque” .

As transformações que outrora representaram o caráter performático e a instabilidade identitária do sexo e do gênero usando normas e estéticas de um gênero feminino, socialmente construído para subvertê-lo (Butler, 2013), dobrá-lo pela vida cotidiana, em relações reflexivas do sujeito consigo e com o grupo cultural que está inserido, o corpo envelhecido não permite mais o glamour do passado, dos bailes de carnaval no Rio de Janeiro, das ruas de Roma, dos apartamentos Italianos e boates paulistas<sup>16</sup>. Restou a fotografia como instrumento para escrita triunfante do passado e a vontade de esquecer e transformar o presente.

Ao olhar as imagens, rever amigos que ainda tem contatos esporádicos quando viaja para outras cidades, permite-se abandonar as angústias, as incertezas do futuro e vislumbrar o retorno a espaços vividos em outros tempos, como Roma é citada acima, ter novamente contato

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada com Valquíria Montini, em seu apartamento. Campina Grande, 04/02/2014.

<sup>15</sup> Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que tempos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2011, 09).

<sup>16</sup> Ver GREEN (2000).

mesmo em outros cotidianos com os amigos também envelhecidos, os “viados velhos”<sup>17</sup>. Essa relação com as imagens pode ser representada no trecho abaixo, nesse momento Montini passava as mãos pelas fotografias e imergia em novas organizações narrativas das lembranças:

[...] (...)isso aqui foi no aeroporto quando eu vinha descendo só que tiraram a foto não tava bem tirada, isso aqui foi na minha casa em São Paulo que eu vendi pra comprar isso aqui, isso aqui foi em Roma na Praça dos Pombos, olha eu aqui isso eu tinha tomado uma cachaça roendo pelo cafuçú, essa aqui se jogou da ponte Rio-Niterói porque o marido não quis mais ela aí se jogou com carro com tudo os dois até hoje(...)esse aqui foi um cartão que a outra mandou pra mim da Espanha, bicha bonita é essa aqui em Angra dos Reis a Bebete ela fazia show não sei se ainda é viva mais não, tem muito tempo que eu não tenho contato com ela, essa aqui eu e dois amigos eu tenho certeza que esse meu amigo tinha caso com o outro e quando eu conheci os dois só andava os dois juntos(...)OH aqui a minha turma a que me levou e outra aqui é a finada Tânia, essas duas é de Recife e esse de bigode é namorada dessa outra (...)<sup>18</sup>

A fotografia como uma escrita, é para Valquíria uma maneira de reestabelecer contato com as experiências do passado e articulá-las com as singularidades e as necessidades do presente, sendo suas leituras circunstanciais, porém ávidas de verdade na procura da felicidade já vivida. Valquíria olha a imagem como “introspecção” da construção identitária da travesti de outros tempos. Marcadas no corpo agora envelhecido e nas, agora, esporádicas amizades, suas marcas do passado têm necessidade de novos instrumentos para amenizar a dor de olhar a vida de outrora.

## QUARTA-FEIRA DE CINZAS

A velhice foi associada a decadência física e inatividade social desde a segunda metade do século XIX (DEBERT, 2012). A travesti que se prostitui passa a ser vista dessa forma assim que seu corpo deixe de atender ao mercado. Muitas travestis afirmam que esse processo é iniciado de forma precoce por volta dos quarenta anos. Valquíria em alguns momentos destacou a solidão e os elementos negativos das transformações do corpo, em outros destacou a potência das experiências vividas por ser travesti e as conquistas econômicas e afetivas. Algumas travestis velhas “bem-sucedidas” economicamente devido a concretização do “sonho europeu”, constroem a visão da velhice como momento de representar a possibilidade de glamour, elegância e destituir para as mais novas o envelhecimento do terror que as transformações

---

<sup>17</sup> Termo usado por Valquíria para se referir as amigas travestis, também idosas como ela, que ainda vivem em São Paulo ou na Europa e fizeram parte da sua turma que foi para esses lugares nas décadas de 1970 e 1980.

<sup>18</sup> Entrevista realizada com Valquíria em 04/02/2014

físicas podem causar. Caracterizam a velhice como o momento de viver o sexo e as adversidades com mais calma e criatividade resultada do conjunto de experiências vivenciadas com o tempo. Como se a velhice fosse um estado de espírito a ser alcançado, de maior capacidade de chegar a plenitude e reinventar-se. Muitas por relacionar a velhice com a finitude da vida aproximam-se de grupos religiosos ou inserem-se em redes de apresentações como artistas, exemplo de Rogéria – uma das precursoras na conquista da Europa por travestis brasileiras nos anos 1970 e que na velhice ficou famosa pela multifacetada experiência como artista – ou a Laerte como atual ícone do cartum e da militância no Brasil.

As travestis, abrem espaço para mudanças nos padrões de inteligibilidade de gênero. No interior da *performatividade* de gênero que as fissuras ocorrem, inventando novos caminhos e possibilidades de existência. Da mesma forma, que o gênero, a reiteração das normas sociais relacionadas a velhice são anteriores aos indivíduos que as reiteram, materializam uma miríade discursiva nos corpos.

As travestis idosas são consideradas pertencentes a gêneros não inteligíveis, pois seu elemento híbrido confunde e desnaturaliza a lógica binária e heteronormativa. O corpo subverte valores que regulam o funcionamento social. No entanto, para Butler (2003), as marcas de gêneros parecem dotar os corpos da condição de humanos. Quando as travestis quebram com a relação casuística e determinista entre sexo anatômico, performance de gênero e práticas sexuais, elas acabam por não serem reconhecidas socialmente ou produzidas como “abjetos” através do rechaço, invisibilidade, preconceito, rechaço e desejo de aniquilamento.

Talvez o lugar social de abjeto reflita a lacuna na produção de pesquisas acadêmicas no Brasil sobre as experiências de velhice e envelhecimento de travestis.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DEBERT, Guita. *A reinvenção da velhice*. São Paulo, Edusp. 2012

FOUCAULT, Michel e SENNETT, Richard "*Sexuality and solitude*", in *London Review of Books*, 21 May - 3 June, 1981, pp. 04-07 Tradução: Lígia Melo da Costa, Maria Beatriz Chagas Lucca e Sérgio Augusto Chagas de Laia

FOUCAULT, M. *A Vida dos Homens Infames*. In\_\_\_\_\_: Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos & Escritos, v. 4).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LARROSA, Jorge. *Tecnologias do eu e a educação*. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume, 2009.